

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES *DENTROFORA* DAS UNIVERSIDADES

LUCAS TORRES DO CARMO

RIO DE JANEIRO, 2016

FORMAÇÃO DE PROFESSORES *DENTROFORA* DAS UNIVERSIDADES: UMA
NARRATIVA AUTO-REFLEXIVA

por

Lucas Torres

Projeto de Pesquisa submetido ao Curso de Licenciatura em Música do Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Alvaro Neder.

Rio de Janeiro, 2016

Ao meu pai, minha mãe, meus avós e todos os professores da minha família que me marcaram de alguma forma na escolha dessa profissão. Aos professores que marcaram a minha vida e aos que continuam me estimulando a buscar mais, pesquisar mais. A todas as pessoas que passaram pela minha vida e que me ajudaram e ajudam a expandir meus horizontes. Eu não seria nada sem o outro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço: à UNIRIO e ao IVL pela oportunidade de ter contato com o mundo acadêmico de uma maneira que eu nunca pensei que teria; ao meu pai e minha mãe que me deram toda estrutura para seguir minha carreira; à minha esposa Mariana Serra que me aguenta nesses períodos de aflição; aos meus professores-orientadores que me ajudaram nessa jornada epistemológica.

*“Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos **flâneur** e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar. É fatigante o exercício?”*

João do Rio

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo trazer contribuições para a relação e diálogo construtivo entre professor e aluno da educação básica, fazendo uso da metodologia auto-reflexiva e revisão bibliográfica para debater a formação do professor *dentrofora* (ALVES, 2010) das universidades. Nos primeiros dois capítulos são construídos relatos que buscam debater a subjetividade e o envolvimento da identidade do autor na escolha do tema para esse trabalho de conclusão de curso. O que nos leva ao último capítulo e considerações finais, onde, a partir das próprias experiências do autor, a questão da linguagem acadêmica e linguagem popular são analisadas levando em conta a visão de senso comum a respeito dos saberes populares e a possibilidade da quebra de determinadas visões cristalizadas que produzem abissalidades (SANTOS 2000) e se tornam uma barreira no processo de ensino-aprendizagem, assim como na construção de um diálogo construtivo entre professor e aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Metodologia auto-reflexiva. Linguagens.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. NARRATIVAS AUTO-REFLEXIVAS	9
1.1. FORMAÇÃO E AUTO-REFLEXIVIDADE.....	9
1.2. ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM MUSICAL.....	11
1.3. ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM PEDAGÓGICA.....	13
2. ESPAÇOS DE ATUAÇÃO E ESTÁGIO ACADÊMICO E PIBID	16
2.1. ESPAÇOS DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA E MUSICAL	16
2.2. ESTAGIOS I ao IV	18
2.3. PIBID (G.P. e F.A.).....	19
3. LINGUAGEM ACADÊMICA E LINGUAGEM POPULAR.....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
5. REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

A profissão docente vive constantemente sobre os olhares do senso comum, mas são poucos os que se aventuram dentro de uma sala de aula e podem falar com propriedade a respeito dos desafios e caminhos encontrados no magistério. A partir das dificuldades naturais que surgem nessa profissão, muito por causa do atual sistema de educação ao qual nós – professores, alunos e atores do cotidiano escolar – estamos submetidos, surge a motivação para um trabalho onde o principal objetivo é contribuir para a construção de um diálogo construtivo entre professor e aluno, onde se preze a capacidade de satisfação dos interlocutores envolvidos nas relações escolares e no processo de ensino-aprendizagem.

A construção de um trabalho onde a subjetividade dos diversos personagens e atores da escola é colocada como um ponto chave tem raiz na metodologia auto-reflexiva e no seu envolvimento com o campo da etnometodologia. Para isso é necessário fazer uma leitura das experiências pessoais do autor deste trabalho de conclusão de curso e dos caminhos que levaram o mesmo na busca e desenvolvimento desse tema.

Nos dois primeiros capítulos as experiências de vida marcantes e relevantes do autor, para a monografia, são levantadas e trazem um pouco das explicações a respeito da escolha por certos assuntos e a preferência por certas áreas de conhecimento da música e pedagogia. Fazendo uma leitura dessa história de vida que engloba tanto as experiências praticadas dentro como fora da academia, dentro do período de estudos acadêmicos e também anterior a ele, a construção da identidade do professor recém-formado enquanto professor de música é algo que requer um olhar atento, crítico, com respeito a própria subjetividade, sem deixar a objetividade de um trabalho acadêmico de lado.

Já no último capítulo, são trazidas reflexões de personagens portadores de saberes periféricos para fazer uso dessas visões de mundo dentro de um processo de análise das linguagens acadêmicas e não-acadêmicas. O objetivo específico dessa parte do trabalho é propor visões menos engessadas na construção de diálogos com jovens da educação básica, onde o respeito a subjetividade desses sujeitos é evocada na tentativa de não produzirmos abissalidades (SANTOS 2007) e barreiras nas relações cotidianas do magistério.

Nas considerações finais alguns caminhos são propostos para conseguirmos fazer com que a escola, palco de tantas disputas e constantemente visto através de olhares e interesses escusos, seja aproveitada com o respeito a diversidade do mundo, que acaba sendo refletida nesse espaço, marcando a vida de todos que passam por lá, seja positiva ou negativamente.

1. NARRATIVAS AUTO-REFLEXIVAS

1.1 FORMAÇÃO E AUTO-REFLEXIVIDADE

Começo essa monografia fazendo uma pequena reflexão a respeito da palavra formação. É interessante pensar que depois de 4 anos, no meu caso 5, após a conclusão de um extenso currículo da licenciatura e após diversas idas e vindas para o prédio da música (Instituto Villa-Lobos – IVL) e de pedagogia da UNIRIO (Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH) - sem deixar de contar os estágios em diversas escolas –, nós fechamos um período das nossas vidas com um diploma em nossas mãos que nos torna aptos para exercer a nossa profissão. Esse papel (diploma), que nós – futuros formandos – tanto almejamos, é a prova de que estamos formados e prontos para buscar um lugar no mercado de trabalho. Um papel é a prova de que nós somos quem somos, e “ai” de quem duvide disso.

Analisando a fundo o peso desse papel eu começo a me perguntar o que aprendi ao longo desses anos, o que me mudou em mim desde que eu entrei na universidade há 5 anos (2012.1) e, já que estou formado (ou prestes a me formar), que forma eu teria nesse momento? Brincadeiras a parte, considero de extrema importância fazer esse tipo de reflexão sobre a nossa formação e com isso entro na primeira parte desta monografia, onde trago um esboço da minha própria história de vida antes de ingressar na UNIRIO. A história é contada de forma não linear e, antes de começar, é importante explicar os motivos pelo qual eu cheguei nesse tema para a monografia e como ocorreu a construção desse trabalho em conjunto com o meu orientador e com as pessoas que me ajudaram nessa jornada epistemológica.

Portanto, quando ingressei no IVL em 2012 eu tinha 22 anos. Assim como agora eu me encontrava cheio de dúvidas sobre a minha vida e profissão, mas mesmo assim, algo me cativou naquele 1º período, fazendo com que a pressão dos pais e a necessidade de ocupar meu tempo me fizeram decidir por investir na conclusão desse curso. Passada a euforia do 1º semestre onde tudo parece lindo e maravilhoso eu comecei a concentrar meu foco no meu CR. Comecei a entender como a faculdade funcionava, entendi como resolver alguns problemas práticos com a saudosa e amada Creseli e fui, aos poucos, construindo a relação com alguns professores. Hoje, olhando o extenso quadro de matérias que precisava cumprir, posso me lembrar de cada professor que me deu cada matéria e como foi a busca para conseguir uma boa nota no final do semestre. Algumas matérias pareciam fluir de uma maneira natural e tirar boas notas não era difícil, outras pareciam tão distantes e complicadas que tentar finalizar elas com boas notas era um trabalho bem cansativo, mas na maioria dos casos valia a pena. Conforme eu ia amadurecendo na faculdade eu comecei a entrar em conflito com a falta de

espaço para as minhas ideias e com a falta de consonância da faculdade com assuntos que, por conta de uma série de fatores, me atraíam. É como se na faculdade eu não achasse espaço para ser quem eu sou, ou como se eu me sentisse um peixe fora d'água naquele ambiente acadêmico. Por mais que a música seja uma grande paixão na minha vida eu sentia necessidade de lidar com ela de outras formas, discutir outros assuntos relativos a música e participar de outras discussões dentro daquele ambiente tão diferente do que eu buscava.

Após 2 anos na faculdade, depois de ter feito matérias de todos os eixos do currículo de música, tendo completado por volta de 50% das matérias do curso, comecei a pegar matérias do eixo de fundamentação sócio-cultural que ainda me faltavam. Uma delas foi a matéria “Músicas de Tradição Oral no Brasil”, ministrada pelo professor, e orientador dessa monografia, Alvaro Neder, onde eu tive contato com leituras que despertavam a minha atenção, muito mais do que as matérias em geral do curso. Após esse contato com esse tipo de conteúdo me senti encorajado a buscar outras matérias que tratavam sobre assuntos parecidos, foi quando busquei “Introdução a Etnomusicologia” com o professor Vincenzo Cambria. No mesmo período acabei pegando a matéria “Didática” e no período seguinte “Currículo”, do eixo de fundamentação pedagógica, com a professora Maria Luiza Sussekind, que considero uma espécie de coorientadora dessa monografia pelo fato dela ter conduzido minhas leituras ao longo do ano e me chamado no ano seguinte para fazer parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Junto do Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores, organizado pela mesma, eu tive acesso a um mundo que até então era desconhecido para mim e foram de extrema importância na minha formação como professor.

Juntando as experiências que tive com os professores e graduandos dentro dos eixos de fundamentação pedagógica e fundamentação sócio-cultural; participação em grupos de pesquisa; e participação em um programa de iniciação a docência de nível nacional, a minha presença na academia e minha participação nos assuntos acadêmicos mudou bastante. De maneira nenhuma nessa monografia eu desejo desmerecer ou diminuir os eixos de estruturação e criação musical e o eixo de práticas interpretativas, muito menos o eixo teórico-prático, ao qual aprofundarei algumas experiências da minha formação no próximo capítulo. Meu desejo é simplesmente mostrar quais foram os caminhos que eu fui construindo dentro da academia e como eles influenciaram no resultado da minha formação e nessa monografia.

Chegando mais perto do meu último período na faculdade, fui me acostumando com a ideia de ter de escolher um tema para a minha monografia, assim como um orientador que atendesse os meus desejos a respeito do debate que eu gostaria de propor.

Mas que debate eu quero propor? Aliás, aquelas perguntas que eu fiz no início desse texto foram respondidas? O que eu aprendi ao longo da faculdade, o que mudou em mim e, principalmente, o que me forma enquanto pessoa formada em Licenciatura em Música? Algumas respostas para essas perguntas eu encontrei nas leituras e debates feitos dentro do Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores, organizado pela professora Maria Luiza Sussekind e outras respostas eu consegui a partir das aulas e orientações do professor Alvaro Neder.

A bibliografia presente nessa monografia é, de certa maneira, o que sustenta a escolha do tema e o objetivo geral da mesma. O objetivo, a grosso modo, é a construção de uma ponte entre os saberes acadêmicos e os saberes não-acadêmicos, de forma que ambos sejam contemplados na fundamentação de um diálogo construtivo entre professor e aluno. Chamo de diálogo construtivo a capacidade e sensibilidade do professor de conseguir entender o que o aluno diz e responder de uma forma que o aluno entenda. De forma que, no final do processo de ensino-aprendizagem, o aluno não só esteja satisfeito com a resposta, mas que o aluno sinta-se à vontade suficiente para manter esse canal de diálogo construtivo e positivo com o professor. Para alcançar esse objetivo faço uso de uma metodologia difundida na sociologia, mais especificamente na etnometodologia, conhecida como auto-reflexividade. Fazendo uso de conceitos como subjetividade e reflexividade, faço uma leitura crítica das minhas experiências de vida dentro e fora da academia como forma de validar minhas experiências positivas dentro da sala de aula, seja nos estágios, como parte do currículo da faculdade, ou nos trabalhos desenvolvidos em um contexto extra-curricular.

1.2. ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM MUSICAL

A metodologia auto-reflexiva, como o próprio nome já diz, faz uso da reflexividade como forma de criar uma visão autoconsciente do pesquisador, de suas práticas e sua história. A partir disso, se torna de extrema importância olhar para o contexto social e para a conexão entre o pessoal e o cultural (apud REED-DANAHAY 1997, p.9; ELLIS & BOCHNER 2000, p.739) na vida do pesquisador, como forma de construir essa autoconsciência e auto-reflexão. Nesse contexto, o conceito de subjetividade também é evocado como uma forma de entender como as experiências de vida do pesquisador, que foram analisadas através da reflexividade,

influenciam no tipo de pesquisa e nas escolhas do próprio pesquisador (St. LOUIS & BARTON 2002). Com essa introdução, eu começo buscar nas minhas memórias as primeiras experiências musicais que tenho lembrança no intuito de entender o que me levou para a faculdade de música e o que influenciou na minha formação.

Tenho lembranças, ainda bem novo (5 anos), de ouvir os LP's e CD's de Rock que meu tio me colocava pra escutar. Na minha casa passava as tardes cantando músicas presentes nos LP's da Legião Urbana, Saltimbancos, Beatles e Lobão. Com headphones nos ouvidos e a minha guitarra e microfone de brinquedo, passava horas ouvindo e interpretando as músicas dos meus discos prediletos. Acordar de manhã e ouvir meu pai tocando o seu repertório no violão e cantar junto dele, depois pegar o violão escondido e tentando dedilhar qualquer nota sem sucesso. Talvez essas tenham sido minhas primeiras experiências com música. Provavelmente o leitor já percebeu que o meu contexto social era de uma classe média em ascensão. Morador do bairro bucólico no início do subúrbio carioca, Grajaú, com uma pacata e idosa vizinhança composta essencialmente por uma elite branca. Meus pais eram jovens para o padrão do bairro e como ambos estavam envolvidos com o magistério tive desde cedo acesso a excelentes escolas particulares, reconhecidas até hoje pela visão construtivista e a preocupação com a vida em diversidade. Desde o 2º ano do ensino fundamental, na época 1ª série, tive aulas de prática de canto em conjunto com excelentes professores e a partir do 6º ano tive a oportunidade de viver uma experiência musical que marcaria minha vida e influenciaria minhas práticas e escolhas até o atual momento.

No colégio Oga Mitá, onde eu passei 8 anos da minha vida, concluindo quase todo o ensino fundamental, eu fui apresentado no 6º ano ao método de musicalização conhecido como “Passo”. O próprio criador do método, Lucas Ciavatta, era o professor de música da escola. Após 1 ano aprendendo células rítmicas, conceito de tempo e contratempo, estudando a grafia musical específica do método aliada com a movimentação do corpo e participando de práticas em conjunto com instrumentos de percussão de escola de samba o mesmo professor me chamou pra fazer parte do “Bloco do Passo”, grupo criado para apresentar as pesquisas musicais do grupo e difundir o Passo como método inovador de musicalização. Com 12 anos tive minhas primeiras experiências como músico, tendo a oportunidade de tocar em teatros renomados, ganhar meu primeiro cachê e 7 anos depois viajar para a França participando de uma turnê que rodou por diversas cidades do país.

Antes da viagem, com 15 anos, comecei a aprender violão utilizando revistas de cifra e “trocando figurinhas” musicais com os amigos. Logo formei minha primeira banda, comprei

minha primeira guitarra, passava horas ouvindo músicas, baixando CD's pela internet e tentando imitar o estilo de cantar dos meus artistas prediletos trancado no quarto. A música já era algo muito presente na minha vida, mas, na época, eu não tinha nenhum desejo de entrar em alguma faculdade de música, só possuía aquele desejo ingênuo e jovem de fazer minha arte e ser reconhecido magicamente por isso. Passava dias com a companhia do violão ou da guitarra compondo num intenso processo de ócio criativo. No segundo semestre de 2010, ainda um pouco perdido e com muitas dúvidas sobre o meu futuro profissional, fui chamado para compor o grupo inicial do Bloco do Sargento Pimenta, que estava lançando seu trabalho no carnaval carioca. Portanto, minha experiência com o Bloco do Passo e com instrumentos de percussão e a proximidade de pessoas que conheciam o meu trabalho me fizeram participar dessa experiência que foi de grande ajuda na escolha pela licenciatura em música. Na época eu morava na casa do meu pai e ele se mostrava bastante apreensivo pelo fato de eu ter largado a faculdade de história e estar em dúvida quanto ao meu futuro profissional. Fazer parte do Sargento Pimenta na época me fez melhorar minha situação financeira por conta da extensa agenda de shows e essa crescente profissionalização musical, somada a pressão e conselhos do meu pai, me fizeram optar pela música na escolha de um novo curso na faculdade. Durante 6 meses estudei a parte teórica necessária para fazer o teste de habilidades específicas (THE) e com isso entrei no primeiro semestre de 2012 no curso de Licenciatura em Música da UNIRIO. A internet e o fácil acesso à cifras, partituras e conhecimento musical muitas vezes não são valorizados, mas foram de extrema importância na construção das minhas habilidades de leitura, técnica e reprodução de músicas.

Com isso, finalizo o segundo tópico do primeiro capítulo desta monografia onde relembro as experiências musicais que me levaram até o curso de música da UNIRIO, lembrando da importância desse exercício reflexivo como metodologia de pesquisa necessária para alcançar o objetivo desse trabalho e como forma de preparar as respostas das perguntas feitas no início desse capítulo. A partir do próximo tópico desse capítulo eu faço uma recapitulação das experiências de vida que influenciaram e me fizeram criar uma verdadeira paixão pelo magistério.

1.3 ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM PEDAGÓGICA

Continuando a pesquisa auto-reflexiva, trago outros conceitos que nos ajudam a construir essa visão de subjetividade e reflexividade. O conceito de identidade e alteridade entram como uma forma de identificarmos o que nos constrói enquanto ser pertencente a

determinado grupo social e como essa noção de identidade é construída a partir da diferenciação do “eu” com o “outro”. Muitas vezes esse trabalho é complexo se não construirmos essa postura reflexiva e caso não seja considerada a subjetividade dos sujeitos. Nesse tópico eu faço uma reflexão dos espaços que contribuíram para a minha formação na área da pedagogia antes de entrar para a faculdade de licenciatura em música.

Conforme fui crescendo e conhecendo melhor a história dos meus familiares, acabei descobrindo que todos na minha família eram professores. Primeiro meus pais, professores de geografia formados pela UFRJ. Depois percebi que alguns tios meus também eram professores, na área de artes visuais, matemática e física, sociologia. Depois meus avós, por parte de pai minha avó era licenciada em música e meu avô era licenciado em biologia. Por parte de mãe meu avô era professor de sociologia e minha avó era professora de educação infantil. Considero essas informações como sendo as minhas primeiras experiências pedagógicas, pois qualquer pergunta inocente que eu fazia para os meus familiares era motivo para uma aula sobre o assunto. Desde cedo fui me acostumando com o estilo de discurso ensinado pelos meus pais e entendo as etapas do aprendizado. Ainda cedo fui entendendo os altos e baixos da vida de um professor vendo uma parte da minha família ascendendo financeiramente com o magistério e a outra parte decaindo financeiramente com o magistério.

Nesses altos e baixos, meu pai resolveu sair dos colégios que ele dava aula e terminou abrindo uma empresa com a minha mãe de turismo pedagógico, chamada “Espaço e Vida”. Certamente a minha proximidade com a empresa e a visão pioneira do meu pai trazendo a pesquisa de campo, algo tão comum na geografia, para o dia-dia das escolas que ele fechava projetos, me abriram um mundo novo. Criei uma relação de proximidade e empirismo com o aprendizado, bem diferente da relação que se tem normalmente dentro de uma sala de aula, onde o professor precisa dar conta de explicar o mundo a partir de um quadro, giz, construção do discurso e domínio das atividades. Junto do meu pai e de sua empresa, que permanece firme e forte no mercado até hoje, as explicações dos fenômenos eram mais vivas, mais próximas, mais quentes e interessantes. São experiências que desde pequeno estão gravadas na minha memória, pois sempre fui muito estimulado na minha curiosidade, vontade de aprender e melhorar. Algo que só quem foi criado rodeado de professores pode entender e levar consigo para a vida.

As experiências na já citada escola Oga Mitá também influenciaram pela proximidade entre professor e aluno, turmas pequenas e projeto político pedagógico de respeito e valorização do magistério. A auto-avaliação como proposta pedagógica de reflexão e análise

do aprendizado ao longo de cada bimestre é algo que marca os alunos que passam por essa escola, assim como o sentimento de coletividade pela valorização e respeito a diferença, fazendo com que a escola se torne um ambiente mágico e apaixonante para quem teve a oportunidade de estudar lá. A liberdade experienciada nessa escola aliada a busca pela auto-reflexão e a construção da sua identidade em meio ao coletivo certamente tem um impacto grande na construção da minha personalidade, na escolha pelo magistério e na utilização da metodologia auto-reflexiva para a elaboração desse trabalho de conclusão de curso (TCC).

Acredito que toda essa estrutura familiar aliada a esse costume com o estilo de discurso necessário no processo de ensino-aprendizagem me encaminharam para a vida no magistério. Me lembro de no ensino médio, no Colégio e Curso Ponto de Ensino, eu ser positivamente marcado pelos professores presentes no curso, principalmente os da área de humanas, área que eu sempre tive certa facilidade e gosto pelo conteúdo das matérias. Esse período de dúvidas da passagem da adolescência para a vida adulta e a necessidade de tomar uma decisão rápida para qual caminho seguir – dentro de uma perspectiva de vida de classe média burguesa, que constrói o seu futuro com base na escolha de um curso numa faculdade pública ou privada – me fizeram cair no curso de licenciatura e bacharelado em história da UFRJ, no prédio do IFCS. Por mais que eu amasse história e tivesse bastante facilidade, principalmente na área de antropologia e sociologia do curso, o professor de metodologia da história me causou um certo trauma, fazendo com que no 4º período eu abandonasse por completo o curso e 3 anos mais tarde prestasse novamente vestibular, agora para licenciatura em música.

2. ESPAÇOS DE ATUAÇÃO, ESTÁGIO ACADÊMICO E PIBID

Nesse capítulo eu faço uma reconstrução dos meus espaços de atuação como músico e como professor de música, tanto dentro da academia quanto fora dela. Essa perspectiva reflexiva da minha história mais recente, onde a memória chega mais rápido e mais fresca, me trouxeram um amadurecimento em um curto espaço de tempo e foram o início do desenvolvimento desse tema. Minhas práticas foram ficando mais concisas, meu trabalho foi reconhecido por outras pessoas, meus alunos foram ficando mais próximos e eu consegui, pela primeira vez, ter um salário fixo, fato que aumentou minha autoestima e marcou o início da minha vida fora da casa de meus pais, fazendo com que a minha vida mudasse radicalmente e que, com certeza, me fizeram encarar as dificuldades da vida com mais foco e organização.

2.1 ESPAÇOS DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA E MUSICAL

Antes de entrar no curso de licenciatura em música me lembro da primeira vez que fui responsável por montar um pequeno curso de música dentro de uma ONG escolar que funcionava na comunidade da Mangueira. Acompanhando uma amiga minha que foi responsável pelo curso como parte de um estágio da faculdade de psicologia, eu acabei tomando uma posição de liderança e organizando as atividades de uma forma que as crianças entendessem e atingissem o objetivo final, que era reproduzir alguns ritmos com instrumentos de percussão de escola de samba. No final dessa minha experiência me senti bastante realizado pelo fato de ter despertado a atenção das crianças e ter conquistado a confiança de alguns pequenos que ficaram bastante felizes com a experiência de tocar instrumentos de percussão em conjunto. Hoje consigo ver que essa experiência foi o despertar para o início de uma relação com um mundo que até então era bem distante pra mim, a periferia.

Conforme citei anteriormente, fui criado num bairro bucólico com a predominância de uma elite branca decorrente de um processo de gentrificação ocorrido na região. Por mais perto que as comunidades e favelas se encontrassem da minha realidade, os espaços de convívio e relação dessa elite branca com trabalhadores negros eram e ainda são bastante escassos. Essa experiência com crianças de periferia me despertou algo positivo para uma primeira aproximação, fazendo com que mais pra frente eu não me recusasse em buscar experiências parecidas. Foi nessa movimentação, a fim de melhorar minha técnica em instrumentos de percussão, por conta dos trabalhos conquistados com o Bloco do Sargento

Pimenta, que eu comecei a construir uma relação com escolas de samba que permanecem junto de mim até hoje e são uma parte importante dentro das minhas experiências musicais até o momento. Foi nas escolas de samba que eu passei que construí uma noção de respeito com os saberes que eu aprendi nesses espaços periféricos.

Minhas primeiras experiências foram nos ensaios da Escola de Samba Império Serrano, em Madureira. Não cheguei a desfilar pela escola, mas tive a oportunidade de me aproximar pela primeira vez do universo das escolas de samba. Após uma viagem para Londres com o grupo do Sargento Pimenta em conjunto com o Monobloco, fomos convidados por um dos percussionistas a fazer parte da Bateria da escola de samba Acadêmicos da Rocinha, onde em 2013 eu tive a oportunidade de fazer meu primeiro desfile na Sapucaí e ao longo dos ensaios do ano me aprofundar ainda mais dentro desse ambiente. No mesmo ano tive a oportunidade de fundar um bloco onde tocávamos músicas do Jorge Ben Jor e lá conheci uma figura que é um mestre e grande amigo pra mim. Essa pessoa abriu meus caminhos dentro da escola de samba Unidos de Vila Isabel já que ele faz parte da direção da bateria da escola e é um membro (HAVE, 2002) da comunidade conhecida como Morro dos Macacos. Quando cheguei lá, não entendia metade dos códigos que chegavam até mim. Foi um processo difícil, doloroso, mas hoje me sinto muito mais confortável e bem quisto naquele espaço tão complexo pra quem é de fora (LOUIS & BARTON, 2002).

Encaminhando-me para o final da faculdade, tive a grata surpresa de ser chamado para dar aulas de música para jovens músicos da escola de samba mirim da Acadêmicos da Grande Rio, conhecida como Pimpolhos da Grande Rio, uma ONG que desenvolve projetos sociais nos arredores de Caxias. No primeiro ano fui responsável por aulas de leitura de partitura tradicional e prática de coral e no ano seguinte fui chamado para montar um curso resgatando a história da população negra da região da Pequena África aliando música e dança, junto de uma professora de danças afro.

Porque a importância de enumerar tantas experiências da minha vida nessa monografia? Parte do meu objetivo é entender como se constrói uma relação de diálogo construtivo entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem. Um objetivo mais específico é a valorização das experiências fora da academia como parte do processo de formação do professor. Tanto no objetivo geral quanto nesse objetivo mais específico a metodologia auto-reflexiva é de extrema importância, pois a partir da reflexão das minhas experiências e história de vida eu consigo entender de onde surge uma certa desenvoltura para ocupar os espaços que eu ocupei e conquistei dentro do magistério até o atual momento e pretendo

continuar conquistando em um futuro próximo, com a conclusão de mais uma etapa da minha vida, que é a formação acadêmica. Nos próximos tópicos desse capítulo faço uma análise das minhas experiências de estágio acadêmico e dentro do PIBID demonstrando como minhas experiências fora da academia me ajudaram na construção de diálogos construtivos com os alunos, nesse caso, de escolas públicas.

2.2 ESTÁGIOS I ao IV

Os dois primeiros estágios (I e II) de música da faculdade da UNIRIO acontecem em uma escola do município próximo ao campi da Urca. O nome da escola é Francisco Alves e lá os alunos de música tem suas primeiras experiências em sala de aula com uma turma do primeiro segmento do ensino fundamental. Foi lá que tive minhas primeiras experiências dentro de uma escola do município e foi lá que comecei a entender um pouco sobre a particularidade daquela escola que já possuía uma relação muito próxima com os estagiários de música e com o PIBID de música que realiza parte de seu subprojeto naquele local. Foram dois semestres onde eu tive méritos na construção de uma relação com os pequenos alunos daquela escola, mas também bastante trabalhosos, principalmente no esforço de adaptar a linguagem estritamente acadêmica que vamos acumulando ao longo dos semestres para a realidade de crianças até 10 anos.

Já nos estágios III e VI temos a liberdade de escolher a instituição que concluiremos nossos trabalhos. Por conta de uma matéria ministrada no IVL pela Márcia Ogando, professora do Instituto Benjamim Constant – instituto federal para educação de deficientes visuais –, acabei me interessando pelo trabalho desenvolvido por lá e busquei finalizar esses dois semestres dentro do instituto. Ali tive a primeira oportunidade, dentro de um contexto de estágio acadêmico, de aproveitar alguns saberes que fui aprendendo ao longo da minha jornada *dentrofora* da academia, principalmente na questão da linguagem, tema que abordarei no próximo capítulo desta monografia. A relação com alunos deficientes visuais é diferente da relação com alunos sem deficiência. Primeiramente, a questão da linguagem é mais forte ainda que o normal, pois os alunos sem deficiência resolvem muitas partes do aprendizado a partir do visual, enquanto os alunos com deficiência visual não. Outro sentido importante na ajuda do aprendizado do deficiente visual é o tato, a partir dele é possível manusear os instrumentos e ferramentas de trabalho. Gostaria de focar na questão da linguagem e apresentar uma parte do desenvolvimento do diálogo construtivo com os meus alunos. Eu jamais cheguei para conversar com qualquer aluno meu, tanto dentro do IBC tanto em outros

trabalhos sem valorizar os saberes que eles já possuem. O diálogo construtivo começa nesse ponto. Entender ou buscar aprender, nem que seja um pouco, sobre o mundo que o aluno vive é de extrema importância na construção do diálogo. Nunca abro mão de aprender com meus alunos, pois a recompensa muitas vezes é a aproximação natural ou abertura de um canal de diálogo, nem que seja mínimo. Nesse aspecto a música nos coloca em uma relativa posição de vantagem frente outras áreas, pois temos a oportunidade de entender um pouco mais sobre cada aluno a partir das músicas que eles escutam. São raros os casos onde o aluno não ouve músicas ou não gosta de músicas, principalmente nos últimos anos do ensino fundamental e no ensino médio.

2.3 PIBID

Por convite da professora Maria Luiza Sussekind (Luli), tive a oportunidade de integrar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, no subprojeto interdisciplinar de pedagogia. Nesse subprojeto, além da participação nas reuniões do Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores, uma das nossas tarefas era a construção de relatórios com base nas nossas experiências dentro da chamada “turma de aceleração” dentro da escola do município Georg Pfisterer, na gávea. A maioria dos estudantes daquela escola são moradores da grande comunidade da Rocinha e essa turma era composta por repetentes. As aulas funcionavam como uma espécie de preparo para a entrada destes jovens no ensino médio e o material pedagógico era basicamente fornecido pela Fundação Roberto Marinho. Cheguei nesse programa sem entender muito bem o que encontraria por lá, mas já conhecia o trabalho da Luli e devo o meu entendimento de currículo as aulas e bibliografia encaminhadas por ela. A questão da linguagem e conhecimento da realidade de cada aluno nunca me foi tão necessária. Meu conhecimento a respeito da comunidade da Rocinha era pouco, se limitava a escola de samba Acadêmicos da Rocinha, que eu havia desfilado 3 anos atrás. E foi assim que começou o meu diálogo com alguns alunos. A Rocinha é uma comunidade muito grande, muito heterogênea, muitas histórias envolvidas e entrelaçadas, só quem é de dentro sabe o caldeirão que é ali e eu, como alguém de fora, só posso começar o diálogo respeitando e ouvindo. Vendo e ouvindo as brechas que se abrem nos diálogos que eu entendo, nas ideias que eu compreendo, nas frases que eu digo e no modo como lido com os problemas que surgem. Foi a primeira vez que compreendi a complexidade de se estar dentro de uma escola municipal e ter a função de desenvolver um trabalho extremamente profundo que é a própria educação. O PIBID marca qualquer um que

passa por essa experiência, pois é uma oportunidade de diálogo não somente com o coordenador do subprojeto, mas também com os professores supervisores da rede pública, com os alunos da rede pública e com os próprios estudantes da universidade, que estão tão perto, mas ao mesmo tempo tão longes. E é nesse aspecto que esse projeto tem o seu maior sucesso, na construção de canais de diálogo para a resolução de problemas do dia-dia dos estudantes e da escola.

Me lembro de uma situação onde nós, do PIBID subprojeto interdisciplinar, fomos participar de uma atividade chamada “Dia da Diversidade” na Georg Pfisterer. Nossa função era desenvolver alguma oficina onde o tema era diversidade. Junto com um amigo, desenvolvemos uma oficina de criação musical baseada na linguagem musical periférica. Basicamente tratamos sobre cultura negra na música. Logo descobrimos a extrema desenvoltura de alguns alunos com o Rap e conhecimento a respeito do Hip Hop, algo bastante comum no grupo que participou da nossa oficina. A felicidade de conseguir um canal de diálogo com os alunos que eram vistos como mais “problemáticos” na escola é algo que me emociona até hoje. O saber deles não costuma ser valorizado no asfalto, na escola, nos espaços fora de seus territórios onde eles são vistos como membros. Reconhecer esses saberes como válidos e representantes da cultura que eles compartilham com iguais é algo que conta bastante na relação entre diferentes. Não digo que construímos algo inovador naquelas atividades com aqueles jovens, pois jamais tive essa pretensão, mas naquele espaço nós conseguimos nos entender apesar das diferenças gritantes entre nós.

No ano seguinte, no semestre que eu me encaminhava para a minha formatura, acabei indo para o PIBID subprojeto de música, criado pela professora Silvia Sobreira e coordenado atualmente pela professora Lilia Justi. Apesar da experiência ter sido pequena, pude ver o modo como cada integrante do PIBID desenvolvia seus trabalhos e não foi difícil perceber que os *docentesdiscentes* (ALVES, 2010) que mais se destacavam eram aqueles que tinham um acúmulo de experiências e linguagem de fora da academia. Com essas pessoas parece que o diálogo com os alunos é mais fluído, com mais sentido para o estudante e professor.

Minhas experiências nesse reta final da minha formação na academia foram me levando para a escolha do tema desta monografia e para o capítulo final desse trabalho, onde procuro construir pontes entre os saberes acadêmicos e os saberes não acadêmicos, como forma de entender a minha formação como um resultado entre as minhas experiências *dentrofora* da academia.

3. LINGUAGEM ACADÊMICA E LINGUAGEM POPULAR

Por mais estranho que esses dois conceitos de linguagem acadêmica e linguagem popular possam soar, e por mais carregados de senso comum (HAVE, 2002) que eles possam ser vistos, gostaria de partir de uma reflexão retirada do documentário “Onde a Coruja Dorme”, feita por Bezerra da Silva, o próprio protagonista desse filme.

“Porque a gíria é uma cultura negra. A base dela foram os escravos, que quando iam colocar em ação um plano de fuga no quilombo, eles falavam que nem gíria: ”da hora, vai dar um pinote”. Que era pra eles – senhores de engenho, capitães do mato – não entenderem, entendeu? É justamente, hoje, o que os intelectuais fazem com a gente. Eles vão pra escola, aprendem o “dom, gadun, burugudun, data vênia...”. Aí ele chega pra falar com você e o doutor diz o que quer. E você não entende nada e diz: “Sim, senhor, doutor, tá. Sim, senhor, doutor”. Mas ele não sabe nem o que que é. Então o que que a gente faz, a gente também pode conversar com o doutor do mesmo jeito e ele vai ficar o dia todo sentado e não entender nada também... aí é zero a zero.” (ONDE a coruja dorme, 2010)

Pois bem, por mais que algumas afirmações do Bezerra da Silva possam estar carregadas de um senso comum, acho que essa reflexão pelo menos expõe alguns sintomas da nossa sociedade e da nossa história. Muitos devem ter passado por essa situação em sala de aula. Algum aluno “joga” uma frase “solta” no meio da turma que parece não fazer sentido algum. A turma inteira ri e o professor fica olhando para o aluno com cara de dúvida, enquanto o mesmo lhe sorri de volta e nada mais é dito depois disso. Os alunos sabem quando o professor não compartilha de certos códigos que são naturais para eles. Os alunos sabem analisar o perfil do professor, eles entendem os códigos presentes nas vestimentas, no jeito de falar, no jeito de agir, no jeito de ser de cada personagem presente ao redor deles. Uns mais, outros menos, mas é de extrema importância para eles identificar os códigos que se apresentam para eles. Quantas vezes esses jovens me perguntaram onde eu morava, possivelmente como forma de saber se eu compartilhava certos códigos comuns ao universo deles. Me lembro de um aluno brincar comigo certa vez, pois eu já havia falado o local onde eu morava e o mesmo me retorqui dizendo que eu não parecia um morador daquela região, por causa do tipo de comportamento que eu estava tendo diante de determinada situação. Por mais corriqueiro que isso seja, achei muito interessante esse diálogo e até hoje ele se mostra presente para mim. E foi no livro de João do Rio, “A Alma Encantadora das Ruas” (do RIO, 1995), que eu consegui relacionar essas situações vividas como algo presente na nossa sociedade. A seguinte passagem do livro é um exemplo disso:

“Nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas. (...) Não há escolas, não há contatos passageiros, não há academias que lhes transformem o gosto por certa cor de gravatas, a maneira de comer, as expressões, as ideias – porque cada rua tem um *stock* especial de expressões, de ideias e de gostos.” (do RIO, 1995)

Nessas leituras e reflexões me deparo com a realidade da sala de aula. A diversidade dos jovens estudantes, os gostos diversos, os assuntos mil, as histórias de vida. Também vejo o professor nesse aspecto com sua própria subjetividade tendo que lidar com a subjetividade de cada aluno. Não é tarefa fácil e não são todos os que conseguem “sobreviver” a realidade da sala de aula. Por conta disso acho bastante importante a reflexão a respeito da nossa linguagem e a linguagem de quem nos relacionamos. Muitas vezes a academia nos preenche com uma série de termos técnicos, linguagens específicas, rituais e modos cristalizados de como proceder frente a determinados paradigmas. A reflexão que eu quero propor é que sejamos menos apegados a esses vícios que ao fim da nossa formação acabamos dominando ou tentando dominar. Ainda no livro de João do Rio (do RIO, 1995), aprofundando a questão da linguagem, o autor apaixonado fala:

“A rua é a transformadora das línguas. (...) A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros.” (do RIO, 1995)

Colocação que me lembra outro livro, que fala sobre preconceito linguístico, bastante difundido por alguns defensores dessa ideia dentro de cursos de Letras. O autor Marcos Bagno no seu livro “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” (BAGNO, 1997), se coloca a respeito desse assunto da seguinte forma:

“A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma *língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação*” (BAGNO, 1997)

Eu acho essa colocação muito pertinente dentro da ideia do trabalho que estou desenvolvendo nessa monografia, pois acredito que a partir do momento que entendemos essa metamorfose linguística, nos abrimos para um mundo de novos significados que nos auxiliam a entender as palavras e ideias que chegam até os nossos ouvidos dentro da sala de aula. Entender o jeito como cada aluno se expressa e respeitar a subjetividade dele é o primeiro

passo na construção de um diálogo construtivo entre professor-aluno. Fazer uso dessa constante pesquisa do novo na língua, não como forma de passar simplesmente o conteúdo da matéria, mas como forma de construir um diálogo construtivo e de confiança é o primeiro passo para o sucesso do professor dentro da sala de aula. As experiências *dentrofora* da academia nos auxiliam nesse aspecto pois quanto mais dominamos essa linguagem presente nas ruas, nas academias, nas escolas, nos espaços de aprendizado não formal, na internet, mais perto estaremos de uma relação positiva dentro dos ambientes onde as subjetividades de cada sujeito dialogam.

Voltando a reflexão que deu início a esse trabalho, eu me vejo novamente como um garoto branco, criado num universo rodeado por garotos brancos e poucos garotos negros, sendo jogado para o magistério e caindo dentro de uma escola municipal tendo que dar aulas para jovens de periferia, em sua grande maioria negros. Fico pensando o que seria de mim sem o samba e a escola de samba. O que seria de mim sem a minha criação para a vida em diversidade e a noção de respeito ao próximo, sem desmerecer o outro, por mais diferente que ele seja. Fico me imaginando o que seria de mim sem meus amigos negros, meus amigos periféricos, meus amigos que me ensinam tanto sobre mundos diversos que nunca chegaram até os meus ouvidos, se não fosse por eles. Fico pensando o que seria de mim se não fosse cantores como Bezerra da Silva com o seu partido alto, ou o que seria de mim sem o Sabotage ou Racionais me mostrando a genialidade da periferia. O que seria de mim também se na academia não tivesse encontrando autores como Boaventura Souza Santos que me mostrou o porque dos saberes diferentes do pensamento moderno ocidental (SANTOS 2007) serem ignorados pela academia e grande parte da nossa sociedade. Penso em tudo isso e fico feliz por ter a oportunidade de me aproximar da metodologia auto-reflexiva e entender a minha própria subjetividade e a subjetividade de cada sujeito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dialogar com o desconhecido, se muitas vezes não sabemos nem por onde começar? Todos os caminhos dessa monografia apontam para a questão da linguagem. Eu descobri que a língua que eu falo representa quem eu sou mais do que eu imaginava. Quando eu me comunico com meus amigos e partilho de ideias em comum com eles estamos encontrando no outro o nosso semelhante ou traços de semelhança que nos fazem chegar a um diálogo construtivo e prazeroso. Quando a comunicação não se desenvolve, e em muitos casos não acontece, é porque os envolvidos no diálogo têm mais diferenças do que semelhanças, ou, a princípio, não conseguem detectar os aspectos que os aproximam por um entrave inicial no diálogo. Constantemente nos deparamos com professores frustrados com a falta de participação dos alunos na aula, relatos de indisciplina ou conclusões precipitadas a respeito do fracasso escolar de alunos. Não estou dizendo que os professores não tenham razão em muitos casos, nem que todas as situações são passíveis de ser resolvidas com uma fórmula mágica comunicativa (jamais teria essa pretensão). Mas acredito que muitas situações podem ser esclarecidas através de um conhecimento sobre a história de cada aluno e um entendimento sobre as diferentes linguagens presentes no nosso dia-dia, fazendo com que seja desenvolvido uma habilidade de escuta e uma postura de pesquisa constante na medida do possível. Muitas vezes viramos reféns do nosso próprio sistema educacional e a vida se torna uma angustia, como se estivéssemos sempre correndo atrás de algo que nunca chega. Se a vida for isso, eu faço questão de viver num mundo onde a comunicação, o diálogo, o respeito e a resolução dos problemas locais e pessoais se tornem o comportamento padrão, para talvez tornarmos nossa convivência e os desafios diários da nossa profissão algo menos frustrante para nós e para nossos alunos.

5. REFERÊNCIAS

- ALVES N.. *A compreensão de políticas dentro das pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação*. Campinas, Brasil. Educ. Soc. v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez., 2010.
- ALSOP, C. K. *Home and Away: Self-Reflexive Auto-/Ethnography*. Volume 3 No.3. FQS: Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research (ISSN 1438-5627), September 2002.
- BAGNO, M.. *Preconceito Linguístico: O que é como se faz*. 49ª edição. São Paulo, Brasil. Edições Loyola, 1999.
- GUILLAUME, X.. *Reflexivity and Subjectivity: A Dialogical Perspective for and on International Relations Theory*. Volume 3 No.3. FQS: Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research (ISSN 1438-5627), September 2002.
- HAVE, P.. *The Notion of Member is the Heart of the Matter: On the Role of Membership Knowledge in Ethnomethodological Inquiry*. Volume 3 No.3. FQS: Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research (ISSN 1438-5627), September 2002.
- St. LOUIS, K. & BARTON, A. C.. *Tales from the Science Education Crypt: A Critical Reflection of Positionality, Subjectivity, and Reflexivity in Research*. Volume 3 No.3. FQS: Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research (ISSN 1438-5627), September 2002.
- ONDE a coruja dorme. Rio de Janeiro: RIO FILME, 2010. 1 DVD (72min), color.
- RATNER, C.. *Subjectivity and Objectivity in Qualitative Methodology*. Volume 3 No.3. FQS: Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research (ISSN 1438-5627), September 2002.
- do RIO, J.. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro, Brasil. Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995.
- SANTOS, B. S.. *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Coimbra, Portugal. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 78, n. 1, p.3-46, Outubro, 2007.
- SÜSSEKIND, M. L. & HELAL, I.. *Dez dias e além! O estágio supervisionado como **entrelugar** e possibilidades de formação: experiências e estéticas no fazer com a escola básica*. Campinas, Brasil. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, 2012.